

Um ano na lista de mais vendidos na França

GRÉGOIRE DELACOURT

a lista
dos meus
desejos

“Delacourt cria uma história louca e intensa sobre o amor e o acaso. Um livro luminoso.” *Marie Claire*

ALFAGUARA



“Todos os sofrimentos são permitidos,
todos os sofrimentos são recomendados;
o importante é seguir em frente, é amar.”

Le Futur intérieur, Françoise Leroy





A gente sempre conta mentiras.

Por exemplo, sei perfeitamente que não sou bonita. Não tenho olhos azuis em que os homens se contemplem; em que tenham vontade de se afogar para que a gente mergulhe e os salve. Não tenho corpo de manequim; sou do tipo cheinha, gordinha, pronto. A que ocupa um lugar e meio. Os braços de um homem de compleição mediana não conseguem enlaçar completamente o meu corpo. Não tenho a graça daquelas a quem eles murmuram longas frases, com suspiros à guisa de pontuação; não. Atraio antes a frase curta. A fórmula brutal. O osso do desejo, sem invólucro; sem a gordura confortável.

Sei tudo isso.

E, ainda assim, antes de Jo chegar do trabalho, me acontece de subir ao nosso quarto e me plantar diante do espelho do armário — preciso lembrá-lo de prendê-lo na parede antes que um dia desses ele me esmague durante minha *contemplação*.

Fecho então os olhos e me dispo lentamente, como ninguém jamais me despiu. Sempre sinto um pouco de frio; fico arrepiada. Quando estou completamente nua, espero um pouco antes de abrir os olhos. Saboreio. Divago. Sonho. Revejo os corpos perturbadores e lânguidos nos livros de pintura espalhados pela nossa casa; mais tarde, os corpos mais crus das revistas.

Em seguida, ergo lentamente as pálpebras, como se fosse em câmera lenta.

Observo meu corpo, os olhos pretos, os seios pequenos, minha boia de carne, minha floresta de pelos escuros, me acho





bonita e, naquele instante, juro pra vocês, sou bonita, muito bonita mesmo.

Essa beleza me deixa profundamente feliz. Incrivelmente forte.

Me faz esquecer as coisas feias. O armarinho um pouco entediante. As fofocas e a loteria de Danièle e Françoise — as gêmeas donas do salão Coiff'Esthétique, contíguo ao armarinho. Essa beleza me faz esquecer as coisas imóveis. Feito uma vida sem histórias. Feito essa cidade pavorosa, sem aeroporto; essa cidade cinza, de onde é impossível fugir e aonde ninguém chega, nenhum ladrão de corações, nenhum cavaleiro branco montado num cavalo branco.

Arras. 42 mil habitantes, 4 hipermercados, 11 supermercados, 4 fast-foods, algumas ruas medievais, uma placa na rue Miroir-de-Venise indicando aos transeuntes e esquecidos que aqui nasceu Eugène-François Vidocq em 24 de julho de 1775. E depois meu armarinho.

Nua, deslumbrante diante do espelho, sinto que bastaria bater os braços para voar, leve e graciosa. Para meu corpo juntar-se aos dos livros de arte espalhados na casa de minha infância. Seria, então, belo como eles; definitivamente.

Mas nunca me atrevo.

O barulho de Jo, embaixo, sempre me surpreende. Um rasgo na seda de meu sonho. Visto-me às pressas. A penumbra cobre a alvura de minha pele. Conheço a beleza rara sob minhas roupas. Mas Jo nunca a vê.

Uma vez, ele me disse que eu era bonita. Isso faz mais de vinte anos, e eu tinha pouco mais de vinte anos. Estava elegante, vestido azul, cinto dourado, imitando Dior; ele queria fazer amor comigo. Seu elogio tinha por motivo as minhas belas roupas.





Estão vendo, a gente sempre conta mentiras.

Porque o amor não resistiria à verdade.

Jo é Jocelyn. Meu marido há vinte e um anos.

É parecido com Venantino Venantini, galã que fazia Mickey o gago em *O trouxa*, e Pascal o vilão em *O testamento de um gangster*. Maxilar enérgico, olhar triste, sotaque italiano sedutor, sol, pele dourada, arrulhos na voz capazes de arrepiar uma galinha, com a ressalva de que, no meu caso, o meu Jocelyno Jocelyni tem dez quilos a mais e um sotaque longe de aturdir as garotas.

Ele trabalha na Häagen-Dazs desde a abertura da fábrica, em 1990. Ganha dois mil e quatrocentos euros por mês. Sonha com um televisor tela plana para substituir o nosso velho Radiola. Com um Porsche Cayenne. Com uma lareira na sala. Com a coleção completa do James Bond em DVD. Com um relógio Seiko. E com uma mulher mais bonita e jovem do que eu: mas isso ele não me diz.

Temos dois filhos. Três, na verdade. Um menino, uma menina e um cadáver.

Romain foi concebido na noite em que Jo falou que eu era bonita, quando essa mentira me fez perder a cabeça, as roupas e a virgindade. Havia uma chance em milhares de eu engravidar na primeira vez e fui premiada. Nadine chegou dois anos depois e, desde então, nunca mais recuperei o peso ideal. Fiquei gorda, uma espécie de grávida vazia, um balão cheio de nada.

Uma bolha de ar.

Jo parou de me achar bonita, de me tocar; começou a passar a noite na frente do Radiola, tomando sorvetes que lhe davam na fábrica e depois bebendo cerveja 33 Export. E me acostumei a dormir sozinha.





Uma noite, ele me acordou. Estava bem duro. Estava bêbado, chorava. Então assenti e naquela noite Nadège esgueirou-se em meu ventre e afogou-se em minhas carnes e meu sofrimento. Quando saiu, oito meses mais tarde, era azul. Seu coração estava mudo. Mas tinha unhas sublimes, cílios compridos, e, mesmo sem jamais ter visto a cor de seus olhos, tenho certeza de que era bonita.

No dia do nascimento de Nadège, que foi também o de sua morte, Jo parou com as cervejas. Quebrou um monte de coisas na cozinha. Gritou. Falou que a vida era nojenta, que a vida era uma puta, uma puta escrota. Socou o peito, a testa, o coração e as paredes. Disse que a vida não dura nada. Isso é injusto. O negócio é aproveitar, puta merda, porque não temos tempo; meu bebê, continuou, falando de Nadège, minha filhinha, onde está você? Onde está minha pulguinha? Com medo, Romain e Nadine refugiaram-se no quarto e, a partir desse dia, Jo começou a sonhar com as belas coisas que tornam a vida mais suave e a dor menos profunda. Um televisor tela plana. Um Porsche Cayenne. James Bond. E uma mulher bonita. Ele estava triste.

Meus pais, por sua vez, me deram o nome de Jocelyne.

Havia uma chance em milhões de eu me casar com um Jocelyn e tinha de ser eu a premiada. Jocelyn e Jocelyne. Martin e Martine. Louis e Louise. Laurent e Laurence. Raphaël e Raphaëlle. Paul e Paule. Michel, Michèle. Uma chance em milhões.

E fui a premiada.





Voltei a trabalhar no armarinho no ano em que me casei com

Jo.

Estava lá fazia dois anos quando a dona da loja se engasgou com um botão, que ela mordera a fim de se certificar de que era de fato marfim. O botão deslizou sobre a língua úmida, insinuou-se na laringofaringe, atacou a membrana cricotireóidea e penetrou na aorta; a sra. Pillard, portanto, não se ouviu sufocar, tampouco eu, aliás, com o botão tapando tudo.

Foi o barulho da queda que me alertou.

Ao desabar, o corpo arrastou as caixas de botões; oito mil rolaram pela lojinha e foi a primeira coisa em que pensei ao descobrir o drama: quantos dias e noites eu passaria de quatro separando os oito mil botões fantasia, metal, madeira, infantil, alta-costura etc.

O filho adotivo da sra. Pillard veio de Marselha para o enterro, sugeriu que eu comprasse a loja, o banco concordou e, em 12 de março de 1990, um delicado pintor veio gravar *Armarinho Jo, ex-Casa Pillard*, na fachada e na porta do estabelecimento. Jo estava orgulhoso. *Armarinho Jo*, dizia, estufando o peito, como se condecorado, Jo, Jo sou eu, é o meu nome!

Eu olhava para ele, achava-o bonito e ruminava que era uma sorte tê-lo como marido.

Esse primeiro ano de casamento foi fulgurante. O armarinho. O novo emprego de Jo na fábrica. E o nascimento anunciado de Romain.





Até o momento, porém, o armarinho nunca rendeu muito. Sou obrigada a enfrentar a concorrência de 4 hipermercados, 11 supermercados, os preços irrisórios do armarinho da feira de sábado, a crise, que deixa as pessoas medrosas e más, e o conformismo de meus concidadãos, que preferem a facilidade do prêt-à-porter à criatividade do artesanal.

Em setembro, recebo algumas encomendas de etiquetas, para costurar ou termocolantes; alguns zíperes, agulha e linha de quem pretende cerzir as roupas do ano anterior em vez de comprar novas.

No Natal, moldes de fantasias. A princesa é a que tem mais saída, seguida pelo morango e a abóbora. No lado masculino, o pirata funciona bem e ano passado foi a loucura do sumô.

Depois, é um marasmo, até a primavera. Uma ou outra venda de caixas de costura, duas ou três máquinas e fazenda a metro. Esperando um milagre, faço tricô. E meus modelos são um sucesso. Principalmente os cueiros para recém-nascidos, cachecóis e suéteres de crochê.

Fecho a loja entre meio-dia e duas e vou almoçar sozinha em casa. Às vezes, quando está sol, vou, com Danièle e Françoise, comer um *croque-monsieur* numa varanda, no L'Estaminet ou no Café Leffe, na praça dos Heróis.

São bonitas as gêmeas. Sei muito bem que me usam para valorizar suas silhuetas delgadas, suas pernas compridas, seus olhos claros de corsa; deliciosamente ariscas. Sorriem para os homens que almoçam sozinhos ou em dupla, fazem caras e bocas, às vezes arrulham. Seus corpos lançam mensagens, seus suspiros são garrafas ao mar e, eventualmente, um homem recolhe uma, o tempo de um café, uma promessa sussurrada, uma decepção — os homens não têm





nenhuma imaginação; chega então a hora de reabrir nossas lojas. É sempre nesse instante, no caminho de volta, que nossas mentiras aparecem. Estou cheia dessa cidade, tenho a impressão de viver num livro de história, ahhh, é irrespirável, diz Danièle, daqui a um ano estarei longe, ao sol, vou turbinar os seios. Se eu tivesse dinheiro, acrescenta Françoise, largaria tudo, assim, num piscar de olhos. E você, Jo?

Eu seria bonita e magra e mais ninguém mentiria para mim, nem mesmo eu. Mas não respondo nada, me limito a sorrir para as bonitas gêmeas. A mentir.

Quando não temos fregueses, elas sempre me sugerem uma manicure ou um *brushing*, uma máscara ou um fuxico, como costumam dizer. Quanto a mim, tricoto boinas ou luvas que elas nunca usam. Sou gorda, mas, graças a elas, arrumada, com as unhas sempre em dia; sei quem está transando com quem, dos problemas da Denise da Maison du Tablier com a traidora Genièvre de Loos e seus 49º de álcool, da cerzideira do Chez Charlet-Fournie, que ganhou vinte quilos depois que seu marido se enrabichou pelo aplicador de xampu do Chez Jean-Jac, e todas as três temos a impressão de ser as três pessoas mais importantes do mundo.

Enfim, de Arras.

Da rua, em todo caso.





Pronto. Tenho quarenta e sete anos.

Nossos filhos partiram. Romain está em Grenoble, no segundo ano de uma faculdade de comércio. Nadine, na Inglaterra, onde é baby-sitter e faz filmes de vídeo. Um deles foi exibido num festival em que ela ganhou um prêmio e depois disso a perdemos de vista.

A última vez que nos reunimos foi no último Natal.

Quando o pai perguntou o que ela fazia, ela sacou uma pequena câmera da bolsa e a conectou no Radiola. Nadine não gosta das palavras. Fala muito pouco desde que começou a falar. Nunca disse mamãe estou com fome, por exemplo. Levantava-se e pegava alguma coisa para comer. Nunca disse: me faça recitar a lição, o poema, as tabuadas de multiplicação. Guardava as palavras consigo, como se fossem raras. Conjugávamos em silêncio, ela e eu: olhares, gestos e suspiros no lugar de sujeitos, verbos e predicados.

Na tela, surgiram imagens em preto e branco de trens, trilhos, agulhas ferroviárias; no início, era bem lento, depois tudo se acelerou imperceptivelmente, imagens sobrepuseram-se, o ritmo se tornou avassalador, fascinante; Jo se levantou, foi pegar uma cerveja sem álcool na geladeira; eu não conseguia desgrudar os olhos da tela, minha mão pegou a de minha filha, *sujeito*, ondas percorreram meu corpo, *verbo*, Nadine sorriu, *predicado*. Jo bocejava. Eu chorava.

Quando o filme terminou, Jo declarou que, em cores, com som e num televisor tela plana, seu filme não faria feio, filhinha, enquanto eu dizia obrigada, obrigada, Nadine, não sei o que você quis dizer com seu filme, mas eu *realmente* senti alguma coisa. Ela desconectou a pequena câmera do Radiola e sussurrou, olhando para mim: escrevi o *Bolero* de Ravel em imagens, mamãe, para que os surdos pudessem ouvi-lo.



Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

